



# A' MARGEM

SEMANÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, ANTÓNIO-LINO

Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84  
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famalicão  
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesse

## A' MARGEM

TEM ÊSTE ÚLTIMO MÊS do ano, para nós, um grande valor — como vimaranenses, como nacionalistas e como católicos. No seu primeiro dia comemoramos uma das nossas datas maiores. A 5 dá-se o movimento triunfante, precursor do nosso nacionalismo. N.º S.º da Conceição e Santa Luzia são festividades de sabor local. E acaba o mês recordando a singeleza grande do nascimento de Jesus — a Festa da Família.



NO DIA 1 DE DEZEMBRO dá-se a restauração, movimento que o romantismo liberal deturpou e que hoje alguns dos nossos melhores valores, trabalhando na reposição da verdade histórica, colocam no justo lugar em que sempre devia ter estado. E no glorioso movimento de 1640 há uma figura que o liberalismo completamente deturpou — o duque de Bragança, D. João. Apresentam-no medroso, exitante, ignorante — D. Luíza de Gusmão, a nota romântica a explorar — e assim denominaram o que no duque de Bragança havia de cuidadoso, cauteloso e culto.

Nem vêem que é preciso despistar o seu parente Filipe, o 3.º de Portugal, que o vigia atento, e o futuro D. João IV consegue-o.

A sua acção como político, administrador, diplomata e artista não nos são narradas.



NO DIA 5 DE DEZEMBRO, rodeado de gente moça, estala o movimento de Sidónio Pais. De mal a pior — duma liberal monarquia para uma república liberal — o país caminhava velozmente para o caos. Apareceu o Chefe, dos chefes mais queridos dos últimos tempos, depois de D. Miguel. Acorda a alma adormecida da Pátria e em vôos mais altos teria subido se a mão assassina não tivesse roubado a vida ao seu grandioso condutor. E só oito anos mais tarde se cumpriu e realizou o seu testamento: «Morro bem... Salvem a Pátria!» — e se realizou o sonho que nele só foi desejo.



NO DIA 8 DE DEZEMBRO festeja a Igreja a Imaculada Conceição. Padroeira de Portugal, data duma proclamação de D. João IV dada a seguir à vitória. E em tôdas as terras portuguesas se ergueram padões comemorando essa assinatura régia.

## ONTEM COMO HOJE

A CABARA a guerra. No largo fronteiro, gente, muita gente. Era um mar humano, vivendo um mesmo momento de alegria, electrizado por um mesmo ideal fixo, dinamizado pela voz dum chefe que a guiava, que a todo o momento crescia, aumentava esmagadoramente — e o entusiasmo crescia também, aumentava e atingia o cume do delírio numa apoteose grandiosa de vida. Serenamente, altivo e simples, aparece o chefe.

Os corações, emocionados, abafam o seu bater forte. Onde até aí havia expansão e manifestação de alegria reinava agora um silêncio profundo, solene. O chefe ia falar.

De repente, quebrando êsse silêncio, ouve-se um grito, dois... ouvem-se muito bem — Viva a Rússia, vivam os comunistas (poucos dias antes estalava na Rússia a revolução bolchevista). Confusão.

Momentos que um relógio não conta, dominando o tumulto, ouve-se uma voz dominadora — viva a Pátria — vinda do local onde se ouvira também o grito subversivo de há pouco, voz que num simbolismo grandioso esmaga, sempre a luta do Bem e do Mal, a miserável que se erguera antes.

Desafiando o perigo que corria tinha sido o chefe que dera a vida. Era Sidónio Pais.

E começou a luta da Nação contra a anti-nação. E ainda hoje é o nome sacrossanto da Pátria a palavra que nos arrasta à vitória, o grito do Presidente o toque a reunir dos verdadeiros portugueses.



Mais um ano passado ante-ontem sôbre a morte do chorado Presidente.

Mas Sidónio Pais não morreu porque os heróis não morrem. Ele vive na alma portuguesa e viverá eternamente na nossa História, onde a sua voz eternamente se fará ouvir.

Não havia Paz. A liberdade campeava, assassina. A fraternidade era fraticida. Não se cabia... os bons portugueses não tinham lugar em Portugal! Sempre Deus nos momentos difíceis nos deu um herói para nos salvar. E surgiu o chefe. Assassinarão-no. E, hediondez maior, matam-no quando ia em viagem de caridade, tam cristã, tam portuguesa — de dar agasalhos, comprados com o ordenado da Presidência, que não recebe, para os pobres orfãosinhos da guerra!

Matarão o chefe, e a liberdade campeou de novo.

E a história repetiu-se. E de novo surgiu o chefe que com segurança nos guia e nos leva no rumo do nosso caminho tradicional.

Ruge a tormenta lá fora. Aquêles gritos lançados em 1918, gritos que os cérebros ôcos dos comodistas e burgueses classificaram de inofensivos, cresceram e tornaram-se nos medonhos cavaleiros apocalipsianos do mal que tudo tentam dizimar, destruindo tudo o que faça lembrar a nossa civilização cristã. Ontem, como hoje, é a anti-nação que ruga, cobarde, desafiando e envenenando. Para que isso não aconteça como o disse um dia Sidónio Pais: «é necessário firmar nas pedras do passado os alicerces para erguer o edifício do futuro».

ANTÓNIO-LINO.

## A' MARGEM

Em Guimarães, no antigo edificio dos Paços do Concelho, hoje Arquivo Municipal, encontra-se escrita, num cunhal propositadamente feito, a provisão régia, e felizmente ainda existe. Na maioria, na quasi totalidade, das terras portuguesas êsses monumentos desapareceram devido à frígia iconoclasta das hordas liberais da maçonaria.



DATADO TAMBÉM de 1640 foi erguido em frente à capelinha de Santa Cruz um cruzeiro comemorativo, encimado por um globo, Símbolo da Virgem da Conceição.

Respondendo à ideia, lançada pelo padre Moreira das Neves, de *Cruzeiro da Independência* já aqui lembramos a história deste cruzeiro. O restauro da capelinha de Santa Cruz não é dispendioso.

Quanto às inscrições comemorativas da nomeação da Padroeira de Portugal achamos interessante lembrar a localização delas em tôdas as terras do País restaurá-las, sendo possível, ou fazer uma nova inscrição, datada de 1940, lembrando a que havia existido no local, colocada 300 anos antes.



NO DIA 13 DE DEZEMBRO é a festa a Santa Luzia, na Sua capelinha da rua do mesmo nome. Para folclore minhoto e vimaranense tem esta festa um interessante motivo para estudo — os dôces que no seu arraial se vendem — as *passarinhas*.

Dum sabor tipicamente regional, estes dôces são verdadeiros bonequinhos de escultura popular, e no seu segundo sentido da graça tanto de agrado de dupla intenção das nossas gentes de aldeia, seja nos seus cantares ao desafio ou nas conversas rimadas dos namorados — e fazem-no quasi por temperamento, com ingenuidade.



25 DE DEZEMBRO, o Natal de Jesus — a Festa da Família. E como esquecemos a nossa tradição dos *presépios*, que sempre foram o encanto de todos e um motivo forte para as manifestações de arte.

Que belas esculturas miniaturais, que lindos *bambinos* a nossa arte popular nos legou. Lastimamos só que sejam alguns católicos, fazendo frete à maçonaria, os primeiros a substituí-los pelos inestéticos e burgueses pinheiros de *Arvore do Natal*.



# D A C I D A D E

## VIDA CATÓLICA

### 3.º Domingo do advento

**Evangelho** (Joan., I, 19-28). — Os judeus enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para perguntarem a João: «Quem és tu?» E ele respondeu: «Não sou». «E' tu Profeta?» E ele respondeu: «Não». Disseram-lhe então eles: «Então quem és tu, para que possamos dar uma resposta aos que nos enviaram? Que dizes de ti mesmo?» Disse-lhes ele: «Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o Profeta Isaías».

Ora os que haviam sido enviados, eram dos Fariseus. E interrogaram-no, e disseram-lhe: «Então porque baptizas tu, se não és o Cristo, nem Elias, nem Profeta?» João, respondendo, disse-lhes: «Eu baptizo em água; mas no meio de vós appareceu quem vós não conheceis. Esse é o que há-de vir de mim, do qual eu não sou digno de desatar a correia dos sapatos». Estas cousas passaram-se em Betânia, do outro lado do Jordão, onde João estava baptizando.

**Homilia.** — *Tu quis es?* Esta pergunta que os judeus fizeram a S. João Baptista, pode fazer-se a qualquer cristão. Eu faço a todos os meus irmãos. *Tu quis es?* quem sois vós?... isto é, donde vindes vós? para onde ides vós?... quem vos criou? para que estais sobre a terra?... grandes verdades, que devem ser o fundamento e a regra de todo o procedimento dos homens neste mundo... E' porque se não reflete nisto seriamente, que um tam grande número de cristãos vivem mal e se condenam.

**Primeira verdade:** *Donde vindes vós?* — *De Deus.* Vós todos aqui presentes, onde estáveis há cem anos?...

O mundo existia como hoje; mas vós, vós estáveis no nada, e Deus podia ter deixado de vos criar... Agora estais sobre a terra e gozais do beneficio da vida, com uma alma imortal, ornada de faculdades admiráveis, com um corpo dotado de sentidos e órgãos maravilhosos.

**Segunda verdade:** *A quem pertenceis vós?* — *A Deus.* Nada é mais evidente... Se vós vindes de Deus, e se é Deus quem vos criou e quem vos deu tudo, é pois Senhor vosso, vós sois propriedade sua, pertenceis-lhe absolutamente e pode dispor de vós como lhe aprover, assim como o obreiro faz à sua obra, o pintor ao quadro que pintou. Tudo quanto nós temos vem dele e a ele pertence. Sendo Senhor nosso por tantos títulos, Deus pode fazer de nós o que lhe agrada, decidir dos nossos bens, da nossa saúde, da nossa vida, do nosso trabalho sem que nós tenhamos o direito de lhe perguntar a razão do seu procedimento.

**Terceira verdade:** *Para que estais vós no mundo?* — *Para Deus.* Se vós pertenceis a Deus, deveis por isso viver para Ele, e servi-lo como um criado deve servir o seu senhor, isto é, deveis consagrar ao seu serviço e à sua glória as faculdades, as forças e os bens que Ele vos deu.

Vós fostes criados, portanto, para um fim mais alto: para amar a Deus e cumprir em tudo a sua vontade neste mundo e merecer assim gozar a sua vista e a sua glória por toda a eternidade.

E' isto que distingue o homem dos seres criados sem razão; é a verdadeira fonte da sua grandeza e da sua felicidade.

Meus irmãos, recordai-vos sem cessar da nobreza da vossa origem e da sublimidade dos vossos destinos! Vindes de Deus, pertenceis a Deus, e ides para Deus: que glória e que felicidade!

bras» teve as honras de enorme escândalo: através dele, traduziram-se inquietações, receios, dúvidas e também as ambições cúpidas de quantos não podem com a própria virtude, por julgá-la dispendiosa para o catonismo que sustentam.

«Que resta agora de tamanho deboche de suspeições?

«Pouco ou antes, nada. O sr. dr. Oliveira Salazar pôs as cousas no seu verdadeiro pé, na sua exacta significação: explicou limpidamente as causas e condições em que o escudo se desviou da libra, aproximando-se do dólar, esclareceu as operações cambiais que provocaram os toques de corneta e declarou-se satisfeito com a aturada vigilância das pessoas que não toleram guzanos nos dinheiros da Nação.

«E assim acabou a tragicomédia!  
«A moralidade que dela se extrai é breve e simples:

«A honra do Estado não é assunto para ser versado entre compadres, na hora das histórias alegres ou das fortes libações!»

## REVISTA DA IMPRENSA

### O caso das libras...

Entre os comentários que na imprensa provocou a resposta do Ministro das Finanças ao pedido de informação formulado na Assembleia Nacional pelo deputado dr. Vasco Borges — transcrevemos hoje alguns passos dum editorial do *Diário de Lisboa*:

«A obra do sr. dr. Oliveira Salazar assenta numa base moral que até os seus adversários reconhecem. Não é favor considerá-lo incorruptível. As acusações, tam frequentes noutros tempos, à honestidade dos homens públicos, alguns dos quais foram devorados pela calúnia, não obtêm qualquer êxito, quando o alvejam, a fim de o envolver na atmosfera opaca dos boatos, dos murmúrios venenosos, das insinuações anónimas e das hipocrisias vestidas de boas intenções.

«Nos últimos dias, o «caso das li-

## NOTICIÁRIO

### Aniversários

Dezembro, 18 — João Manuel Leite de Castro.

21 — D. Maria Ana Leite de Castro, D. Maria Amélia Acciainoli Catalão.

22 — Manuel Martins Fernandes.

23 — D. Maria da Conceição Cardoso de Menezes (Margaride).

### Sociedade

Para Lisboa e dali para Elvas, onde

vai prestar temporariamente serviço como alferes miliciano, partiu o nosso amigo sr. dr. Rodrigo de Menezes Bastos.

— Para frequentar um curso clínico sobre Tuberculose, seguiu para o Carmulo o ex.<sup>mo</sup> sr. dr. João Mota Prego Faria.

— A passar o Natal sua família, encontra-se nesta cidade o nosso amigo sr. dr. Nuno José de Freitas.

— Já se encontra bem de sua saúde o sr. Francisco Martins da Costa Aldão.

### Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Têxtil do Distrito de Braga com sede em Guimarães

Sob a presidência do sr. Manuel Magalhães, reuniu, no dia 6 do corrente, pelas 18 horas e meia, a direcção do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Têxtil do Distrito de Braga, com sede em Guimarães. Estiveram presentes os srs. Manuel de Araújo e Francisco Gomes Alves Ferreira, respectivamente, secretário e tesoureiro.

Depois do sr. João de Almeida Lopes, chefe da Secretaria, proceder à leitura da acta da sessão anterior — que foi aprovada — deu-se despacho a vario expediente recebido, entre elle, uma circular do *Notícias de Guimarães*, pedindo um donativo para os protegidos daquele jornal. Foi resolvido contribuir-se com a quantia de Esc. 20\$00.

Seguindo o exemplo dos anos anteriores, foi também resolvido, distribuir-se, no dia 23 do corrente, até às 19 horas, um bôdo aos desempregados da industria têxtil, a fim de ser levado aos seus lares um pouco de conforto na noite da Festa da Família. O bôdo consta do seguinte: — batata, arroz, bacalhau, azeite, açúcar e pão.

Previnem-se os interessados que as senhas para aquêle fim distribuem-se na própria sede do Sindicato, sito à rua de Alcobaca, todos os dias úteis, das 10 às 12 e das 13 às 18 horas.

### A Exposição do Mundo Português será inaugurada dentro de seis meses

Prosseguem activamente os trabalhos da Exposição do Mundo Português que, segundo o programa oficial das celebrações centenárias, deve ser inaugurada no dia 15 de Junho de 1940. A meio ano, portanto, da abertura do certame, pode ter-se a certeza de que elle constituirá uma síntese admirável da civilização portuguesa e da sua projecção universal.

Na majestosa Praça do Império, entre o mar e os Jerónimos estão já completamente prontos o Pavilhão de Honra e o Pavilhão de Lisboa. A parte da Etnografia Metropolitana bem como a parte histórica estão também, praticamente, concluídas. O Pavilhão dos Portugueses no Mundo encontra-se muito adiantado. A Secção Colonial, abrangendo uma área vastíssima, poderia ser já visi-

tada dentro de poucas semanas. As «Aldeias Portuguesas», que serão um dos maiores atractivos do certame, estão em plena construção.

Todos os outros pavilhões, todos os serviços referentes à exposição, acompanham este ritmo. A representação do Brasil, única excepção aberta por Portugal à participação estrangeira, prevê-se também já que será brilhantíssima e impressionante.

Quem passar agora em Belém pode facilmente evocar a cena deslumbrante e maravilhosa que dentro de seis meses se erguerá, triunfalmente, ante os olhos de todos os portugueses: a «verdadeira cidade da História de Portugal», como justamente foi definida a exposição pelo sr. dr. Augusto de Castro, seu illustre Comissário geral.

### Câmara Municipal de Guimarães

#### Resumo do expediente da sessão ordinária de 6 de Dezembro de 1936.

**Officio:** — O chefe da Secção de Finanças de Guimarães pede a nomeação dos louvados, por parte da Câmara, que devem constituir a comissão da avaliação da predial rústica e urbana para o próximo ano de 1940. A Câmara diz que foram nomeados, para a rústica, o sr. José Ribeiro Moreira de Sá e Melo, e para a urbana, o sr. José Francisco Gonçalves Guimarães.

**Deliberou:** — Colocar na rua Elias Garcia, da Vila de Vizela, um fontenário público.

— Conceder ao escritor sr. Jerónimo de Almeida, o subsídio de 2.000\$00 para publicação de um roteiro da cidade de Guimarães, ficando este com a obrigação de entregar à Câmara, gratuitamente, 100 exemplares da referida obra, e autorizar desde já o pagamento de 1.000\$.

— Pôr em arrematação pública a occupação das barracas antigas da Praça do Mercado, desta cidade, sob as bases de licitação de 15\$00 mensais de cada porta destinada a géneros diversos, e 25\$00 por cada porta das barracas destinadas à venda de peixe fresco.

— Pôr em arrematação a occupação dos barracos da praça do mercado das Caldas das Taipas, sob as bases de licitação idênticas às do ano passado.

— Pôr em arrematação pública as varreduras da cidade, estrumes das retretes da praça do mercado e da feira do gado, pelo tempo de um ano, a principiar no dia 1 de Janeiro próximo.



# Carta de Lisboa SE É S CAPAZ . . . Palavras de sempre e de hoje

Não sabemos se muitas pessoas acreditaram na inconsistência de certo boato, pôsto a correr por engraçados de mau gôsto, acêrca da próxima dissolução da Legião Portuguesa, dando-se como pretexto o facto de terem cessado os motivos determinantes da sua formação, após a vitória do nacionalismo espanhol.

Não sabemos, nem pretendemos sabê-lo. O que desejamos, acima de tudo, é chamar a atenção de espíritos demasiadamente crédulos, para as afirmações há pouco produzidas por João Ameal, no seu sugestivos «fundos» do *Diário da Manhã*, intitulado *A Legião em marcha*, e pelo capitão Henrique Galvão, director da Emissora Nacional, por ocasião da inauguração oficial das novas palestras radiofónicas *Pró Legião*, visto tais afirmações sintetissem o pensamento integral do país, quanto à real necessidade de continuar existindo a heróica falange dos «Voluntários da Ordem», a fim de colaborar na defesa da nação, contra as investidas do urso moscovita, que prepara desta vez o grande salto, e ainda na criação daquela nova mentalidade exigida pela Revolução Nacional.

## Após o fenómeno espanhol

surge a terrível experiência europeia, em palco mais largo, da expansão soviética no mundo. Dia a dia, deparamos maiores ignomínias e atentados contra o sagrado direito das gentes. Cada hora que passa deve ser, por consequência, mais profundamente analisada, meditada e defendida, à luz dos eternos preceitos do cristianismo e dos meios mais eficientes e decisivos de luta pela inteira conservação do nosso património histórico e espiritual.

## A Legião,

tendo saído da mística viva e robusta do Estado Novo, tem forçosamente de continuar a servir, dentro das bases do seu programa inicial, sem o que desvirtuaria as belas palavras com que o Chefe a definiu: «chama de virtudes cívicas e de compreensão dos novos tempos, que ilumina toda a casa portuguesa».

## Passou há dias o 299.º aniversário

da restauração de Portugal, comemorado em todo o país, de norte a sul, com justa compreensão do seu transcendente significado: a inevitável reacção, lógica e invencível, daquele nosso mesmo génio ou personalidade histórica, que talhou a nacionalidade, nos tempos remotos da Fundação e consolidou definitivamente a independência nos períodos conturbados de 1385.

O maior acontecimento deste aniversário foi, sem dúvida, a grande parada da Mocidade Portuguesa e a sua concentração no Coliseu dos Recreios, para ouvir a mensagem do Comissário Geral, eng. Nobre Guedes e proceder-se à cerimónia do juramento, por parte de todos aquêles filiados que passaram de escalão.

Numa das passagens mais eloquentes da mensagem, Nobre Guedes exortou os rapazes da M. P. a compreenderem a soma de virtudes que foi preciso reunir e pôr em prática, para se chegar à conquista do bom conceito geral de que está gozando a nação, mercê das grandes

*Se és capaz de manter o sangue frio  
emquanto outros à tua volta o estão perdendo  
e deitando-se as culpas;*

*Se és capaz de fiar-te em ti próprio  
quando todos duvidam de ti  
— e no entanto perdoares que duvidem:*

*Se és capaz de esperar sem cansar a esperança,  
e de não caluniar os que te caluniam,  
e de não pagar ódio por ódio  
— tudo isto sem dar-te ares de modelo dos bons;*

*Se és capaz de sonhar  
sem que o sonho te domine,  
e de pensar, sem reduzir o pensamento a vício;*

*Se és capaz de afrontar o Triunfo e o Desastre  
sem fazer distinção entre estes dois impostores;*

*Se és capaz de sofrer que o ideal que sonhaste  
o transformem canalhas em ratoeira de tolos;  
ou de ver destruído o ideal da vida inteira  
e construí-lo outra vez com ferramentas gastas;*

*Se és capaz de fazer do que tens um montinho  
e de tudo arriscar numa carta ou num dado,  
e perder, e começar de novo o teu caminho,  
sem que te oiça um suspiro quem seguir a teu lado;*

*Se és capaz de apelar para músculo e nervo  
e fazê-los servir, se já quasi não servem,  
agüentando-te assim quando nada em ti resta,  
a não ser a Vontade, que te diz: agüenta!*

*Se és capaz de aproximar-te do povo e ficar digno,  
ou de passear com réis conservando-te humilde;*

*Se não pode abalar-te o amigo ou inimigo;  
Se todos contam contigo e não erram as contas;  
Se és capaz de preencher o minuto que foge  
com sessenta segundos de tarefa acertada;*

*Se assim fores, meu filho, a Terra será tua,  
será teu tudo o que nela existe,  
e não receies que to tomem...*

*Mas (ainda melhor que tudo isto)  
se assim fores, serás um HOMEM!*

Tradução e adaptação do *If...* de Kipling, por Agostinho de Campos.

realizações do Estado Novo, nas esferas do pensamento e da actividade geral.

## Um diploma do Ministério da educação Nacional

publicado hoje no «*Diário do Governo*», determina que volte a denominar-se Teatro D. Maria II a primeira casa de espectáculos de Lisboa, de que é concessionária a empresa Rey Colaço.

Rejubilamos com tam acertada medida governamental, no campo das nossas formosas e inesquecíveis tradições artísticas, visto que — como se diz nesse decreto — sob a primeira denominação regista a história do Teatro Nacional as suas fases de maior brilho e eficiência, tanto no que respeita à língua portuguesa, como ao florescimento da arte cénica, ali exercitada pelos mais insígnies intérpretes que têm honrado os palcos portugueses.

Dezembro de 1939. Z. DE M. F.

## Exposição Internacional de Nova York

Por amável oferta do Secretariado da Propaganda Nacional temos em nosso poder o guia do pavilhão português na Exposição Internacional de Nova York realizada este ano. Intitula-se *Portugal in New York World's Fair* e foi organizado por Marques da Costa com a colaboração do dr. Celestino Soares, Ferreira Gomes e Roberto de Araújo.

A capa que reproduz o grupo alegórico — varina, lavradeira e campino com os seus trajes garridos — que ornamentava a fachada principal do nosso pavilhão, transporta logo o visitante ao clima do nosso país, com a sua magia de cor e luz. E é com prazer crescente que se vai folheando o belo guia profusamente ilustrado e admiravelmente organizado.

Abre o livro com palavras do sr. General Carmona, venerando Presidente da República, do sr. Cardial Patriarca de Lisboa e do sr. Presidente do Conselho. Segue-se a descrição minuciosa das vá-

## A nova política monetária e as suas consequências

— «Respondo o mais claro e resumidamente possível ao pedido de informações do sr. deputado dr. Vasco Borges a propósito da separação do escudo da libra e de operações cambiais recentemente realizadas. Estas operações coincidiram com a mudança que sofreu a nossa política monetária e estariam ligadas ao prévio conhecimento que dela teve um dos vice-governadores do Banco de Portugal interessado noutra banca. Este último facto revelaria por si o inconveniente de certo sistema de administração dos bancos emissores.

«Parece que não chegou a ser criticada a política definida por acôrdo entre o Ministério das Finanças e o Banco de Portugal. Dificilmente o seria, tam fortes eram as razões que a impunham; as pessoas obrigadas a pensar no problema e obrigadas a sentir-lhe directamente as repercussões na nossa vida económica e financeira só podiam achar que a solução tardava.

«Apesar das considerações constantes do officio de 10 e de se antever como certa a baixa da libra no mercado nacional, o Banco de Portugal continuou a realizar todas as operações de compra e venda de cambiais nos termos anteriores: até que outro câmbio foi fixado. Tinha obrigação de fazê-lo — e esta razão dispensaria quaisquer outras...

«Muitas críticas feitas enxertaram nesta questão outra — a da inconveniência de directores de bancos serem administradores ou governadores do Banco de Portugal. Contra este modo de ver, que assenta na ideia estreita de ser concorrente ou inimiga e não colaboradora do instituto emissor toda a outra banca, devo confessar que sempre entendi deverem ser reservados aos directores dos bancos comerciais alguns lugares de administradores do Banco de Emissão.

«Poucas vezes se terá notado no nosso meio maior agitação à volta de factos... inexistentes — agitação filha da sinceridade pouco esclarecida ou de interesses que não se poderiam confessar. Se nesta altura temos ainda ambiente para especulações deste género, devemos corajosamente reconhecer o atraso da nossa educação social e política e até o desconhecimento da obra realizada. Mas havemos, pelo contrário, de regozijar-nos, se à insensibilidade com que em tempos o País se deixou pôr a saque, se substituiu a possibilidade de tam vivas reacções só por supor-se que houvera à volta de operações bancárias correntes, já não digo actos fraudulentos, mas atitudes menos correctas ou dignas».

SALAZAR

rias salas do nosso pavilhão, um breve resumo dos princípios orientadores do Estado Novo Português, a acção do Secretariado de Propaganda Nacional, as comemorações centenárias de 1940, esclarecimentos sobre o comércio e indústrias portuguesas e indicações turísticas e relação de firmas comerciais interessadas no comércio externo.

Felicitemos os organizadores.



## PARABENS

Nem sempre a «Justiça» se encontra na praça pública. De vez em quando «ela» aparece também nos gabinetes onde homens falíveis — como todos os homens — procuram «dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus».

Isto vem a propósito duma grata notícia, aliás esperada, porquanto não é desconhecido de ninguém e muito menos de nós, o perfeito andamento que Salazar conseguiu em tôdas as engrenagens do Estado Novo, nos seus mais pequeninos pormenores.

Não nos admirou portanto que o processo em que andou envolvido o nosso distinto colega Domingos José Ribeiro, («graças» às nojentas e vis calúnias com que certo oportunismo insolente e atrevido o brindou) fôsse arquivado.

Admira-nos, sim, que a êsses cavalheiros, que julgam poder transplantar para o seio da grande família nacionalista os vêlhos métodos da defunta democracia, não fôsse aplicado um «ligeiro» correctivo, a fim de compensar o nosso colega das pedras que lhe atiraram.

Conhecemos de há muito o Domingos Ribeiro que é, além dum bom professor, um nacionalista da velha guarda.

Acusado em 1919 de reaccionário e de católico por um vêlho cacique democrático, foi-lhe negado o exercício do magistério primário durante 4 anos. Proscrito aos 19 anos, veio para Guimarães a fim de ganhar a vida como prefeito na Escola Académica e a seguir, no Colégio Académico.

Foi integrado de novo no Magistério Primário em 1923, depois de ter gasto milhares de escudos a remover todos os obstáculos, sem contudo renegar o seu ideal político e cristão.

Muito antes de decretado o ensino religioso, já o professor Ribeiro ia dando a catequese na igreja e até na escola, mesmo durante a vigência da Democracia.

Surgiu triunfante o dia 28 de Maio de 1926. Durante 10 anos se lutou com afínco pela consolidação da ordem e da renovação nacional, e sempre vimos nas primeiras filas o professor Ribeiro. Organizou-se a Legião Portuguesa, fazem-se por tôdas as aldeias comícios de propaganda e, um dia, lá aparece nos jornais o seu nome destacado na reportagem dum dos comícios mais brilhantes.

Não podia deixar de ser assim! Quando em Abril dêste ano, durante as conferências pedagógicas realizados na cidade de Braga, nos encontramos com o professor Ribeiro e nos contou que tinha sido acusado de anti-nacionalista (sic) rimosos com vontade... Essa não lembra ao diabo (!!!) a não ser que fôsse o mesmo pobre diabo que se lembrou de nos chamar comunistas, fascistas e... não sei que mais.

Ao professor Domingos José Ribeiro, duas vezes camarada nosso, nas fileiras nacionalistas e nas canseiras do dia a dia escolar, muitos parabéns.

## Administração Municipal

(Continuação)

O relatório que vimos analisando passa em seguida a ocupar-se do problema da luz.

«A Câmara, depois de judicialmente anuladas as concessões da iluminação pública e particular, resolveu, com a aprovação de V. Ex.<sup>as</sup>» (membros do Conselho Municipal) «e autorização de Sua Ex.<sup>a</sup> o Ministro do Interior, a municipalização dos Serviços Eléctricos em todo o concelho.»

«Esta deliberação causou uma certa inquietação entre os consumidores de energia eléctrica para iluminação e força motriz, com o receio no agravamento das tarifas.»

«A Câmara que tem como único objectivo bem servir os interesses municipais e os interesses igualmente legítimos dos habitantes do concelho, resolveu consultar a Junta Nacional de Electrificação, tendo de seguir o caminho que lhe fôr aconselhado.»

E mais não diz o relatório da actividade camarária para 1940 sobre o problema que bem pode considerar-se o mais importante de todos os que o município tem a resolver. Consultou-se a Junta Nacional de Electrificação e eis tudo.

Então não há estudos feitos? Quais as conclusões a que chegaram? Que consulta se fez à Junta Nacional de Electrificação? Então a Câmara não tem opinião sobre o caso e aguarda que a solução lhe venha dentro dum envelope enviado de Lisboa?

Salvo melhor opinião, tal proceder revela indiferença pelos verdadeiros interesses do concelho. Sabemos que foi encarregado um técnico de fazer um estudo minucioso sobre o problema da electrificação do concelho. Consta-nos que o trabalho foi já apresentado à Câmara e cremos que já o havia sido, quando o presente relatório foi elaborado. Porque não figuram nêle as conclusões dêsse estudo? Acaso se pretende fazer a política de sigilo que Portugal praticou largamente em certa fase dos descobrimentos marítimos? Parece-nos que isso está longe, muitíssimo longe, do Estado Novo em cujos princípios os corpos administrativos têm obrigação restrita de estarem integrados.

Diz o relatório, e toda a gente sabe, que a municipalização dos serviços eléctricos do concelho, aprovada pelo Conselho Municipal fôra autorizada por S. Ex.<sup>a</sup> o Ministro do Interior. E' natural que, para ser concedida esta autorização, fôsem ouvidas as entidades competentes, entre elas a Junta Nacional de Electrificação ou outra equivalente. Natural é também que esta entidade se pronuncie da forma por que já se pronunciou. E é probabilíssimo que se limite a declarar se os estudos feitos e apresentados (se o foram) assentam ou não em bases sólidas e não se manifeste exclusivamente por uma das soluções, como a Câmara preferia. E' que o problema, embora de carácter técnico, é de ordem administrativa e é o corpo administrativo a que interessa que tem direito e obrigação de o resolver. Mas, entretanto, o tempo vai passando e... quando a vereação se convencer de que ela é que terá em última análise de resolver o problema e de que tem, por consequin-

te, necessidade de o estudar, mais tempo se passará ainda, enquanto «as freguesias rurais» continuam «às escuras».

Aborda-se a seguir o problema do matadouro e o relatório confessa, mas sem contrição, que se perdeu a participação de 200.000\$00, alegando-se, para justificar o facto, o não haver tempo para concluir a obra no prazo estabelecido. Esta razão não colhe. O prazo era efectivamente de 12 meses, mas com as três (e não duas como por lapso nestas columnas se afirmou) prorrogações permitidas de 50 p. c. do prazo inicial, podia ir até dois anos e meio (30 meses), tempo mais que suficiente para construir duas vezes o edificio.

O relatório prossegue: «O actual matadouro poderá, segundo informações autorizadas, que colhi, transformar-se num matadouro higiénico, com a capacidade suficiente para as necessidades locais. As obras de transformação, que devem ser também participadas pelo Estado, custam menos 50 p. c. do que o projecto que se ia executar.»

O primeiro projecto de matadouro a que o relatório se refere destinava-se a aproveitar o matadouro actual; era no entanto mais caro que o segundo que estava participado com 200 contos. Estamos por isso convencidos de que no local do actual matadouro se poderá fazer outro em condições. Mas que duma simples ampliação resulte obra asseada custa-nos a acreditar.

O que sabemos é que será muito difícil que o Estado participe tal obra. E no fim vai ela custar à Câmara tanto ou mais do que a execução do segundo projecto, não ficando obra que se lhe compare. Efectivamente, com a participação do Estado, a despesa com a construção que se projectava perto de Creixomil não importaria para a Câmara em mais de 70 p. c., na hipótese de se não conseguir maior participação do que a que já estava concedida. As obras no matadouro vêlho é quasi certo que terão de ser feitas exclusivamente à custa do município. Para se obter a participação do Estado para construções de carácter higiénico as exigências das entidades oficiais são enormes. Sabemos muito bem com quanta dificuldade se conseguiu uma participação de 100 contos para a construção do mercado municipal. A Câmara de 1931-34, da presidência do sr. dr. Rocha dos Santos, iniciou a obra sem que as repartições competentes tivessem aprovado o respectivo projecto e não conseguiu participação alguma. A Câmara que em 1934 lhe sucedeu empregou grandes esforços para que a obra fôsse participada e obteve os 100 contos citados, mas sabe Deus à custa de quantas insistências e exposições.

Fazer sem participação uma obra que pode ser participada é cometer dois erros. Gasta-se menos dinheiro na obra que por isso fica inferior, e a entidade construtora não é beneficiada porque nunca fica tam bem servida e às vezes depende maior soma do que se o Estado concorresse também.

VERAX.

## A GUERRA &amp; COMPANHIA

«E' a guerra aquêlo monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas»...

E que insaciáveis goelas não tem o bruto!

Se o padre António Veira vivesse na época presente, veria com espanto o monstro consumir, a cem léguas de distância do lugar onde se acoita, a mais estranha *salada russa* que ainda se pôde imaginar!

Num momento — ainda a guerra só existia nas agências telegráficas — desapareceu tudo o que era imprescindível à sustentação da vida e à comodidade humana... Quando a sociedade, condenada a morrer de fome, frio e privações, inquiria das razões desta estupenda escamoteação, alguns parasitas, enterrados no bandulho do monstro, responderam:

E' a guerra...!!  
Era a guerra, «aquêlo monstro, que mal se vê, o formidável comilão do arroz, do açúcar, duma infinidade de géneros e cousas, desde o óleo de rícino aos fechos de porta, das latas de sardinha aos parafusos.

Tudo desapareceu como por encanto!!

O pior é que êste copioso e singular banquete tinha forçosamente de causar indigestão àquele que o tragou...

E viu-se outro facto maravilhoso digno duma história de fadas e duendes! O «monstro», graças a um energético vomitório que lhes ministraram, lançou intacto e em «bom estado» tudo o que tinha comido: arroz e açúcar em sacas, óleo de rícino em frascos, fechos em pacotes, latas de sardinha com rótulos e tudo, parafusos em caixas de cartão, etc., etc... Isto também era a guerra, guerra contra os aspirantes a novorricos, guerra contra os falidos esperançosos, guerra a favor do povo consumidor feita por um Governo que tem a consciência das suas responsabilidades e o alto sentido das leis humanitárias. O povo português compreendeu bem que, se não fôra a acção enérgica do Governo do Estado Novo contra os açambarcadores, não teria hoje onde adquirir um palito... E' certo que tal instrumento «gasto-complementar» seria desnecessário visto que a carne, erguida então a preços astronómicos, seria só acessível a qualquer Cresus americano, rei de qualquer cousa.

O povo compreendeu claramente que há no Governo da Nação *alguém* que se interessa pelo seu bem-estar, *alguém* que se não esquece dos seus legítimos interesses.

E compreendeu tanto melhor, quanto é certo que êle tinha a experiência da outra guerra, em que o governo, levado pelas exigências do partido, tolerava o açambarcamento aos caciques, mascarados de amigos do povo.

A nota enérgica emanada da União Nacional, bem como a acção rápida do Governo contra os açambarcadores, não deixou dúvidas a ninguém — se é que há alguém que as possa ter — sobre a política segura e benéfica do Estado Novo.

ANTÓNIO JOSÉ.

## Preço da assinatura

Anual . . . . .	24\$00
Semestre . . . . .	12\$00
Trimestre . . . . .	6\$00
Avulso . . . . .	\$50

## Visado pela Comissão de Censura